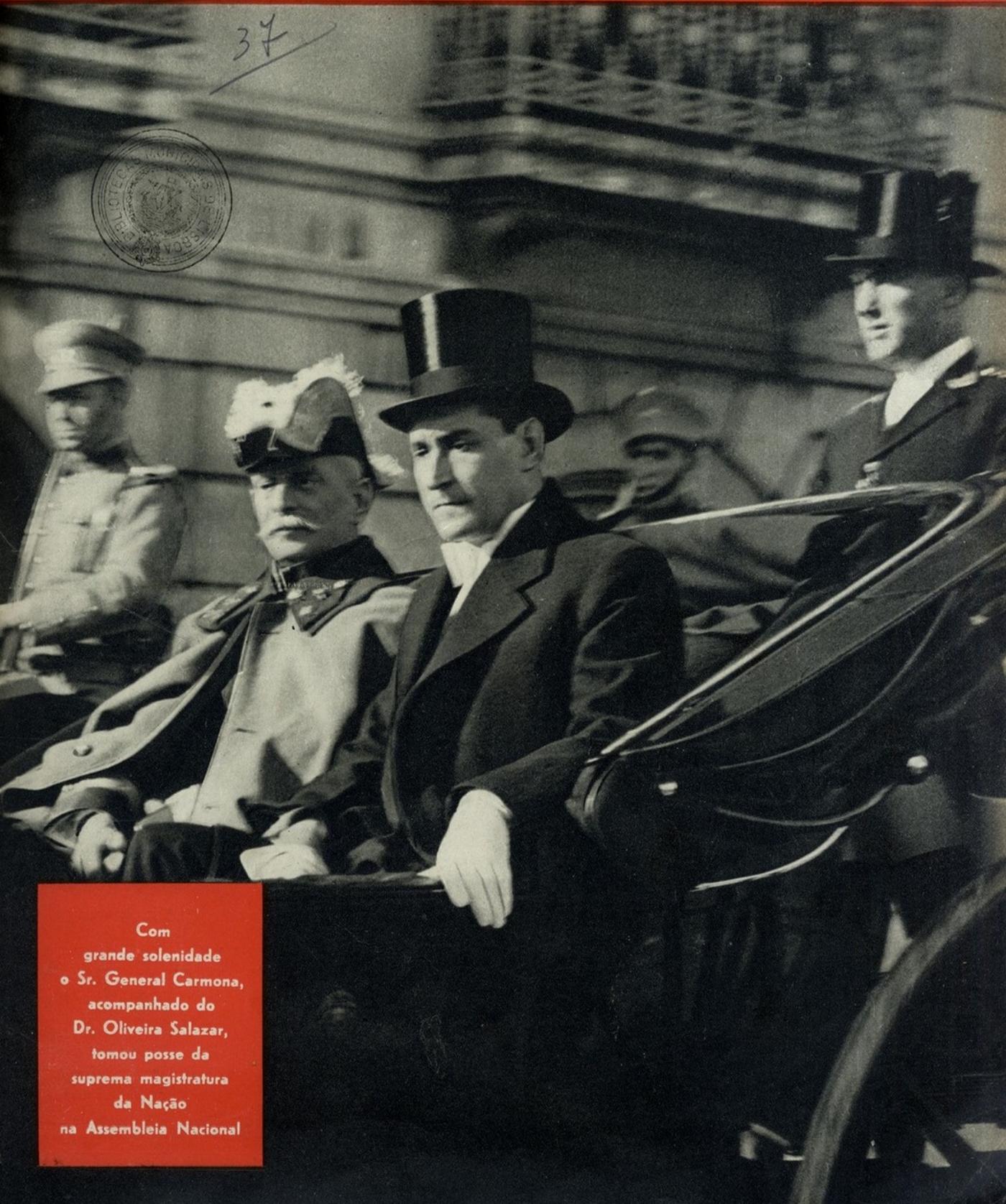


MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
MAY 1942

37



Com
grande solenidade
o Sr. General Carmona,
acompanhado do
Dr. Oliveira Salazar,
tomou posse da
suprema magistratura
da Nação
na Assembleia Nacional



B. B. C.

**A Voz de Londres fala
e o mundo acredita**

Noticiário em Língua Portuguesa

| Horas | Estações | Ondas curtas |
|--|-----------------|-----------------------|
| 13,15 noticiário 13,30 actualidades | G R Z | 13,86 m. (21,64 mc/s) |
| | G R U | 31,75 m. (9,45 mc/s) |
| | G R V | 24,92 m. (12,04 mc/s) |
| 22,00 (*) noticiário 22,15 (*) actualidades | G R X | 30,96 m. (9,69 mc/s) |
| | G S B | 31,55 m. (9,51 mc/s) |
| | G R T | 41,96 m. (7,15 mc/s) |

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Sumário

NO CORAÇÃO DE AFRICA, por Amadeu de Freitas
REFLEXOS DO MUNDO
WILLIAM TEMPLE, biografia
CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
COMO SE VENCE A GUERRA
PORTUGUESES DO SÉCULO XVII
O REPRESENTANTE DA IUGOSLAVIA EM PORTUGAL,
de S. Saboya
PORTUGUESES E INGLÊSES NA BATALHA DO LYS,
de Rocha Martins

(fotos de Arnaldo Garcez)

N. S. DE FÁTIMA EM LISBOA
CIDADE FLORIDA, por Eugénio Vieira
EM DEFESA DA LIBERDADE
FIGURAS E FACTOS
O ESFÓRÇO DA NORUEGA NA GUERRA, por Ola
Nordmann
ACTUALIDADES INTERNACIONAIS
A LOTA HOJE É...
MEMÓRIAS DE CHURCHILL
A CHINA INVENCÍVEL
PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim
O SILÊNCIO É DE OURO, novela de Arlete Lopes Navarro
CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
CHARLES DICKENS, por A. R.
OS LIVROS DA QUINZENA
CINEMA, de António Lourenço

Capa de Horácio Novais



CONSERTANDO AS REDES



M^oCAMPOS
CREMES E PASTAS
DE AMÊNDOAS
Rainha da Hungria
SÃO PRODUTOS M.^o CAMPOS

II
*Academia
Científica de Beleza*
Avenida da Liberdade, 35
LISBOA

2
produtos indispensáveis
à beleza da sua pele

Use o material fotográfico

ILFORD

PELÍCULAS/CHAPAS/PAPÉIS

ILFORD  LIMITED
ILFORD LONDON

à venda nas casas de artigos fotográficos

NO CORAÇÃO DE ÁFRICA

por Amadeu de Freitas

O Império Britânico, estendeu-se pelo mundo, colonizou e civilizou povos de todas as raças e de todos os meridianos, esbanjou o seu ouro, o seu gênio criador e a audácia e a inteligência dos seus pioneiros—e construiu países, dando a independência a esses povos logo que eles atingiram a maioridade. Tem sido assim nas cinco partes do mundo, foi assim na África do Sul, onde ergeu, em menos de um século, uma das mais fortes e mais ricas nações de hoje. No continente de África, a dividir o Atlântico do Índico, há, agora, um mundo novo, magnífico, próspero, feliz, construído pelo Império Britânico.

Um combóio luxuoso como não há na Europa leva o viajante de Lourenço Marques a Pretória, a capital da União Sul Africana. Entra-se, então, no Mundo Novo, pois a cidade surge-nos com todo o seu esplendor e riqueza, os seus enormes edifícios, gigantescos monumentos, ruas largas, peçadas por rumorejantes multidões, com sangue ardente a correr nas artérias de uma metrópole a arder em febre. O Parlamento, a «Kruger House», a «City Hall», desafiam o céu, esmagam pela sua imponência. Sente-se, então, verdadeiramente, no barulho ensurdecedor da cidade, que estamos num país exuberante de vigor e de riqueza, com minas de ouro, de diamantes, de ferro, de carvão, donde irradia a formidável energia de todos. Como uma segunda América do Norte, a União funde numa só raça, numa só civilização, nações diferentes e ontem antagónicas. O poder civilizador e o gênio criador britânicos prova-se, proclama-se. Pretória, Johannesburg, East London, Durban, Cap Town, são metrópoles de trabalho, onde se caldeiam energias, ambições, audácias; são centros reguladores de actividade industrial e agrícola, pulmões de aço e cantaria por onde respira uma nação jovem.

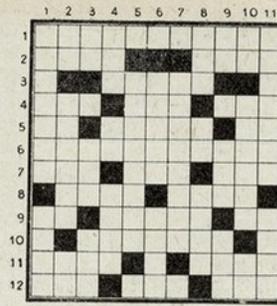
Mas a par da enorme riqueza das suas minas, da sua indústria e das suas «farms», a União começa a escrever a sua história e a honrá-la, principalmente em Pretória, com monumentos votivos de impressionante grandeza. Lá estão a estátua do velho Kruger, o «pai Kruger», e o «Memorial War», a evocar a memória dos soldados da outra guerra, de cuja heroicidade ainda hoje o general Smuts é o símbolo. Em Pretória, a capital, começa a escrever-se a história desta juvenil Pátria.

E eis Johannesburg, a cidade do ouro, a metrópole africana, a Nova York do Sul. A cidade grita e berra, em ecos estridentes das multidões, das fábricas, dos guindastes. Os «eléctricos», os auto-omnibus eléctricos e os «bus», correm pelas ruas, seguidos e precedidos por milhares e milhares de automóveis. Os monstruosos arranha-céus escurecem a cidade e a multidão ululante e indiferente corre, corre sem cessar, acotovelando-se, berrando, mas andando sempre, porque um minuto é dinheiro...

Em plena África, no coração do continente negro, há agora uma cidade inteira, com meio milhão de brancos, com dezenas de teatros e cinemas, armazens imensos e luxuosos como os de Paris, Londres ou Nova-York. O mundo novo construído pelo Império Britânico, assenta sobre o ouro—pois há ouro na própria poeira que nas tardes de ventania varre a cidade.

Os mineiros, se são sombras nas entranhas da terra, quando sobem à superfície são homens livres de uma pátria livre. Ganham o suficiente para quasi todos terem automóvel e uma pequenina e alegre moradia nos arredores da cidade. Trabalham muito, é certo, mas são felizes porque disfrutam alto nível de vida e, à noite, nas ruas de Johannesburg, nos teatros ou nos cinemas, não é possível distinguir um mineiro de um director de um banco. Ali, no coração de África, há uma civilização.

Johannesburg ri e grita no esplendor da sua magnificência, na magestade dos seus edifícios—o palácio dos correios, a «city Hall», a Emissora, com os seus oito enormes teatros; o Colosseum Theatre, um dos maiores do mundo, a Universidade, o Museu, o Palácio da Justiça—na riqueza dos seus compartimentos de vinte andares, na beleza perturbadora das suas mulheres. A vida corre feliz para todos, porque se ganha muito e se gasta muito. Há arranha-céus por toda a parte. Amanhã haverá mais e a Rissik Street será ainda mais magestosa. Nasceu um país imenso e rico, independente e próspero, construído pelo Império Britânico. Por isso, o povo, quando no cinema surgem as figuras simpáticas e familiares da rainha Isabel e do rei Jorge, aplaude com uma vibração e um entusiasmo onde há, seguramente, muita gratidão.



PROBLEMA N.º 37

HORIZONTAIS

- 1 — Heroísmo.
- 2 — Tempo de verbo «ir» — Paraíso terreal.
- 3 — Género de mamíferos carnívoros, de cujo pêlo se fabricam pinicéis.
- 4 — Prolongamento lateral dum corpo — Abreviatura de «God be with you». — Único.
- 5 — Pôpa do navio — Cantores — Mulher acusada (inv).
- 6 — NOME DO CONTRATORPEDEIRO QUE CARREGA DO EXPLOSIVO, FOI ATIRADO DE ENCONTRO ÀS COMPORTAS DE ST. NAZAIRE.
- 7 — Liga — Herdade dividida por marcos (ant.) — Íntimo.
- 8 — Aparelho para tecer — Solidifica-se pelo frio.
- 9 — Por (inglês) — Queridos — Laço apertado.
- 10 — Género de pesca.
- 11 — Cimo — Lugar sem habitantes.
- 12 — Criada — Aparece — Prepos. e artigo.

VERTICAIS

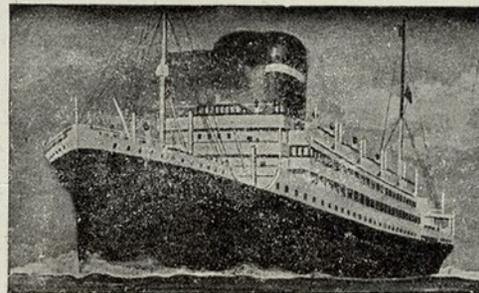
- 1 — Nome dado aos comandantes de cavalaria na antiga Grécia — Órgão da fala.

- 2 — Nota musical (inv.) — APELIDO DO CAPITÃO-TENENTE QUE COMANDOU O CONTRATORPEDEIRO UTILIZADO NO «RAID» A ST. NAZAIRE — Interjeição.
- 3 — Graceja — Origem — Gosta.
- 4 — Parte do corpo (inv.) — Utensílio (inv.) — Azedo.
- 5 — Ensopear.
- 6 — APELIDO DO CAPITÃO DE MAR E GUERRA COMANDANTE DAS FORÇAS NAVAIS INGLÊSAS QUE FIZERAM O «RAID» A BASE NAVAL DE ST. NAZAIRE — Potentado indiano.
- 7 — Versados em doutrina acérra das coisas divinas.
- 8 — Deusa — Santa (abrev.) — Leste.
- 9 — Nome do Chefe duma tribo de «ditas» — Óleo (ingl.) — Agora.
- 10 — Ofereça — APELIDO DO CORONEL COMANDANTE DAS FORÇAS TERRESTRES QUE COLABORARAM NO «RAID» ACIMA REFFRIDO — Pedra de moinho.
- 11 — Derramo — Vazios.



Solução do problema N.º 36

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE «SERPA PINTO»

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

- «Serpa Pinto» 8.267 T.
- «Mouzinho» 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 3.200 »

VAPORES DE CARGA

- «Pungue» 6.290 T.
- «Malange» 5.050 »
- «Lobito» 4.200 »
- «Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

REFLEXOS DO MUNDO

Visita Real



O Rei Jorge VI e a Rainha Isabel, durante uma visita que fizeram a uma fábrica de aeronáutica britânica, baptizaram dois grandes bombardeiros com os nomes de «George» e «Elisabeth».

Suas Magestades escreveram os seus nomes na fuselagem dos aparelhos com aquela simplicidade familiar que os torna queridos de todos os povos do Império.

O que mostra a forma como a Gran-Bretanha se empenha no esforço de guerra é o facto de não ter parado o trabalho na fábrica enquanto os Reis ali estiveram. Ao abandonar em os edifícios, os operários davam os últimos retoques em dois bombardeiros que se construíram, peça por peça, enquanto os ilustres visitantes ali se demoraram.

Teatro de guerra



A guerra parece que despertou, nos londrinos, o gosto pelo teatro, preferência acentuada em detrimento do cinema. Os teatros de há vinte anos a esta parte nunca tiveram tanto público como agora. Devido às exigências correntes vários cinemas, tais como o Carlton, o London Pavillion e o

New Victoria vão funcionar como tabladros. Alguns teatros que há muito estavam fechados reabrem breve. É o caso de White Hall, do Duchess e do Phoenix.

Londres, apesar da guerra, não esquece os direitos da arte e da beleza. À Inglaterra, ao contrário de muitos países europeus invadidos, continua a enriquecer o seu admirável património espiritual. A guerra para ela é o inevitável de que há-de ser vitorioso.

Uma cena de guerra



Um porta-aviões inglês, no Pacífico, largou os seus aparelhos que, passadas horas, estavam de volta. Faltava, porém, um. Aproximava-se uma tempestade. A bordo recebe-se um rádio do avião que ainda não regressara em que o piloto dizia ter apenas vinte galões de gasolina, estando envolvido pela tormenta. Era necessário salvá-lo. Dificilmente o navio conseguiria localizar a sua base flutuante. Então, o comandante, arriscando o seu navio, manda acender os projectores. Os focos varrem o céu em todos os sentidos. O inimigo não deve estar longe e, naturalmente, deve ter ficado assombrado com aquela audácia. O avião não apareceu. Os marinheiros ingleses, porém, com aquele sangue-frio e temeridade que os caracteriza, fizeram tudo para o salvar.

Mihailovitch

Não está morto o ideal da cavalaria. A nobreza brota da

alma humana sempre que surge o momento supremo. A Pátria é o ideal mais alto. Veja-se, por exemplo o que se passa nas montanhas sérvias, onde o general Mihailovitch, ministro da guerra iugoslavo, tem revivido as mais belas façanhas da história do seu país. As suas legiões parece que brotam da terra.



Entrincheirado no coração das montanhas, organizou e disciplinou um exército de cem mil homens com uma pequena formação aérea, carros e tanks tomados ao invasor. Um contra cem? Não importa! Nas serranias invioláveis, a bandeira da Iugoslávia flutua sempre, símbolo de uma nação que não morre.

Joan Crawford, aquela mulher fatal cujos olhos são dois projectores de apaixonada magia, mostrou agora o que vale a sua alma e seu coração.

A alma de uma estrela

Instalou uma creche para os filhos dos operários das indústrias de guerra norte-americanas que é inteiramente financiada por ela. Muitos julgam que os artistas de cinema vivem longe da realidade, não se misturando com a existência comum. Puro engano. A guerra



fez surgir nos astros de Hollywood dedicações admiráveis. Nenhum artista faltou ao seu dever para com a pátria, antes de nos contarmos no ecran a histórica guerra que muitos vão viver na dura realidade dos combates.



O SALTO SÔBRE A MANCHA

Muitos dos tripulantes de submarinos alemães aprisionados ainda não têm nove meses de serviço. Isto parece significar que o Reich se encontra a braços, com sérias dificuldades para instruir tripulações,

Guerra submarina

no mesmo ritmo em que os seus submersíveis são destruídos pelas esquadras dos Aliados. As novas tripulações alemães, não têm a experiência dos veteranos da guerra submarina, a maior parte das quais morreu no mar, ou foi capturada. E, como se sabe, é mais fácil construir um submersível, de que instruir devidamente o seu pessoal.



Quereis ganhar dinheiro?
ANUNCIAI NO
"MUNDO GRÁFICO"
A melhor revista
gráfica portuguesa

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A MÁQUINA DE ESCREVER MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, L.º E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUERS., Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PORTO

NEOGRAVURA, LIMITADA

Heliogravura d'Arte - Tipografia
Jornais, Revistas, Folhetos de propaganda,
Bilhetes postais ilustrados, Livros, Extra-
textos, Impressão a cores, etc.

OFICINAS: T. da Oliveira (à Estréla) 4 a 10 // Telefone 6426



DR. WILLIAM TEMPLE ★

O dr. William Temple, que sucedeu ao dr. Cosmo Gordon Lang como arcebispo de Cantuária, primaz da Igreja inglesa, nasceu em 1881 em Exeter. Seu pai foi bispo de Londres e depois arcebispo de Cantuária, presidindo à coroação dum dos maiores soberanos da Gran-Bretanha, Eduardo VII. Passou, portanto, a sua mocidade, como aliás passou o resto da sua existência, nos meios eclesiásticos, inteiramente devotado ao serviço da Igreja a que actualmente preside.

Desempenhando as funções de bispo de Manchester a sua vocação confirmou-se, de maneira inequívoca. Chamado a conviver, durante oito anos, com um dos centros industriais da Gran-Bretanha mais populosos e exigentes, o dr. William Temple teve ensejo de pôr à prova as suas excepcionais qualidades para dirigir e orientar espiritualmente as grandes massas humanas. A afabilidade no trato dos humildes, a atenção vigilante revelada em todos os pormenores da sua carreira, a dedicação ilimitada que, em múltiplas ocasiões revelou pelo destino dos humildes, grangearam-lhe, mais do que a simpatia calorosa, a admiração incondicional do povo inglês. Ignorava os artificios e as convenções. Foi dele que um dos seus amigos que profundamente o conhece pode dizer com razão: «É sobretudo com a multidão que ele sabe ser sincero e humano, benévolo e tolerante». Esta característica fundamental da personalidade vigorosa do dr. William Temple justifica plenamente a escolha que acaba de ser feita do seu nome numa hora particularmente delicada. O novo arcebispo de Cantuária acompanha, de perto, os assuntos da vida internacional pelos quais profundamente se interessa.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A GUERRA NO PACÍFICO

TRES provas evidentes da coordenação inter-aliada acabam de ser fornecidas pela nomeação do general Mac Arthur, como comandante em chefe das forças que actuam na Austrália, do sr. Casey, como membro de Gabinete de Guerra e substituto do sr. Oliver Lyttelton, no Próximo Oriente, e da colaboração do sr. Ewart, ministro dos estrangeiros australiano como embaixador em Washington. Ao mesmo tempo que os Estados Unidos assumem um papel de relévo militar na Guerra do Pacífico a colaboração do Império Britânico aparece vigorosamente reafirmada pela participação do sr. Casey nos trabalhos do Gabinete de Guerra.

O que se tem passado nas últimas semanas no Pacífico indica, de maneira inequívoca, que o sentido das operações se modificou, no Oriente como no Ocidente, e que a guerra relâmpago, mais uma vez, se malogrou antes de ter alcançado os seus objectivos essenciais. O general Brett, chefe da aviação aliada, não escondeu o seu optimismo. «O inimigo será batido», declarou elle, e as posições que perdemos serão reconquistadas». O seu camarada e chefe, Mac Arthur, exprimiu opinião idêntica acentuando que pela substituição da ofensiva à defensiva espera regressar, num prazo relativamente curto, como vencedor, às Filipinas.

Os japoneses sofreram pesadas perdas navais nas águas da Nova Guiné. As operações em terra não lhe correram de maneira mais propícia. Batidos na estrada que conduz a Port Moresby a situação desta cidade, de grande importância para a defesa da Austrália, pôde ser acutelada. Entretanto, a aviação aliada bate ininterruptamente as posições e os aerodromos onde as tropas inimigas se instalaram.

Em Washington calculam que as perdas japonesas desde o início da guerra, em 7 de Dezembro, tenham atingido a cifra de cento e cinqüenta mil homens de tropas de élite. Em complemento das declarações categóricas dos Generais Mac Arthur e Brett, o almirante Chatfield confirmou que uma reviravolta na situação no Extremo Oriente está em curso sendo numerosos os indícios que a justificam.

Dois exércitos japoneses, o 5.º e o 6.º, defrontam com dificuldade crescente os soldados da China que o general Stilwell comanda. As iniciativas nipónicas na China saldaram-se com perdas cada vez maiores. Os chineses retomaram a sua actividade militar na região de Chang-Tung. A tentativa nipónica para cortar o caminho de ferro Cantão-Pequim no sector de Chang-Chá malogrou-se, com a morte de milhares de soldados do Mikado.

Não é de admirar que estes acontecimentos militares tenham reflexos políticos e diplomáticos de importância inegável. O Japão insiste em fazer uma paz com o governo do marechal Chang-Kai-Chek oferecendo, como prova de boa vontade, a devolução imediata de algumas das províncias ocupadas pelas suas tropas. Envia, simultaneamente, um novo embaixador para Moscovo enquanto o «Nichi-nichi» acentua que as relações nipo-soviéticas se manterão no pé de cordealidade em que se encontram, qualquer que seja a evolução da luta entre a U. R. S. S. e o Reich. Assistimos a uma fase capital de guerra no Extremo Oriente. Há ainda muitas dificuldades a remover e muitos obstáculos a evitar. Mas a roda da fortuna começou a orientar-se noutro sentido.

○ OBSERVADOR

A hora H

A chegada do general Marshall, chefe do estado maior do exército americano, a Londres, reveste-se duma extraordinária importância. Com o alto comando inglês elle vai marcar a hora H do ataque à Alemanha. Agora, ingleses e americanos querem andar depressa. Os Estados Unidos que à data da entrada da guerra tinham já um milhão e oitocentos mil homens, organizarão durante o estio, quatro divisões por mês, maravilhosamente preparadas e apetrechadas. O exército inglês, disse-o o ministro da guerra britânico, está pronto. E', pois um caudal humano que invadirá a Europa, irresistível, gigantesco, já quando o adversário, dá mostras de uzura, a avaliar pelos raids coroados de exito, das tropas inglesas aos países ocupados. Não faltam pontos de desembarque, nem populações amigas para os receber.

Dissipar de ilusões

A Alemanha reduziu muitas das suas rações alimentares. O caso é bastante significativo. Elle vem dissipar muitas ilusões. Pretendiam alguns que a extensão das conquistas nazis, no continente europeu, lhe dariam copiosas fontes de subsistências. São, porém, os próprios alemães que confessam a impossibilidade de arrancar à agricultura e à indústria russas os produtos e artigos de que fundamentalmente carecem, para se alimentar. Falta de braços, destruições completas de maquinaria agricola, fábricas arruinadas, e, sobre tudo isto, uma campanha militar movediça, onde o inimigo tanto luta à frente, como na rearguarda. Os celeiros da Ucrânia são, pois, uma utopia. Quanto ao resto da Europa, ocupada o panorama é quasi idéntico. Junte-se a isto a cadeia rígida do bloqueio económico inglês feito à Alemanha e à Itália, está produzindo implacáveis resultados.

9 de Abril

Não foi sem especial emoção que os combatentes da Grande Guerra portugueses, ingleses, franceses e belgas, comemoraram essa data, que é uma página resplandecente de heroísmo da nossa história. Através do tempo persiste essa fraternidade de armas, como um símbolo dos sacrificios feitos e dos objectivos que os animaram. As bandeiras vitoriosas rodearam o monumento da Avenida numa expressiva consagração, cheia de grandeza.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L.^{da}

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^{da}, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Todo o povo britânico colabora com as forças armadas para vencer a guerra. Vinte milhões de indivíduos mobilizados — tal é o formidável potencial humano da Gran-Bretanha

COMO SE VENCE A GUERRA

Os números têm uma eloquência especial. Geralmente, os comentários que se lhes juntam só servem para os diminuir. A sua apresentação pura e simples vale, em certos casos, mais do que todos os discursos, por mais eloquentes, e do que todos os escritos, por mais sugestivos. Eles são, por si, a expressão definitiva do sacrifício e do heroísmo, da dedicação por uma causa comum e da certeza do seu triunfo.

A nação inglesa que, em íntima comunhão de sentimentos e de interesses com os seus governantes, suporta a dura prova da guerra, acaba de dar dois magníficos exemplos da sua confiança e da sua decisão. Ao conhecê-los, o mundo não pode deixar de admirar o seu significado profundo. Ao meditá-los, a humanidade reconhecerá, facilmente, que a Gran-Bretanha, mesmo nas horas mais difíceis da sua existência colectiva, mantém integralmente as qualidades e as características que lhe deram, há muito,



Uma patrulha inglesa cumpriu com êxito a sua arriscada missão. Um tank inimigo foi aprisionado na Líbia e os seus tripulantes desarmados



O exército territorial da Gran-Bretanha é hoje o mais bem organizado do mundo. Cada homem tem uma missão bem definida

na história um lugar à parte. Os ingleses querem à sua esquadra como à própria encarnação da sua tenacidade proverbial. Essa esquadra serviu por duas vezes, no curto prazo de um quarto de século, não apenas para salvar a ilha britânica, mas para salvar o mundo. A Gran-Bretanha não quiz esta guerra. Os argumentos que justificam a afirmação que fazemos deixaram de ser invocados. Estão inscritos, a letras de fogo, na consciência de todos os homens do nosso tempo que recordam a sucessão de provas de transigência e de boa vontade dadas pelo governo e pela nação britânica quando fizeram da causa da paz a sua própria causa.

Mas, em 3 de Setembro de 1939, como em 4 de Agosto de 1914, não era apenas a honra e a dignidade nacional que estavam em causa. Não era apenas a existência da Gran-Bretanha que se encontrava ameaçada. Isso bastaria para justificar a atitude do povo inglês. Este sabia, porém, que o seu sacrifício simbolizava alguma coisa mais grave e mais séria. Que simbolizava a causa da civilização no que esta tem de elevado e de nobre, naquilo que, na vida, merece ser conservado e defendido.

Nessas duas datas iniciais o mundo voltou os olhos para a esquadra inglesa porque sabia que estava nela, com a garantia da liberdade dos mares, o penhor da sua própria salvação. Em ambas, a Royal Navy soube exceder o cumprimento do dever em termos que provocaram o reconhecimento eterno da nação britânica e do mundo civilizado. Durante quatro anos, ininterruptamente, na outra guerra, há mais de dois anos e meio, desde que esta se iniciou, os marinheiros da Gran-Bretanha têm vigiado os oceanos e permitido, contra os mais rudes ataques, a salvaguarda do comércio internacional.

A confiança não foi iludida. Os resultados que se esperavam foram alcança-

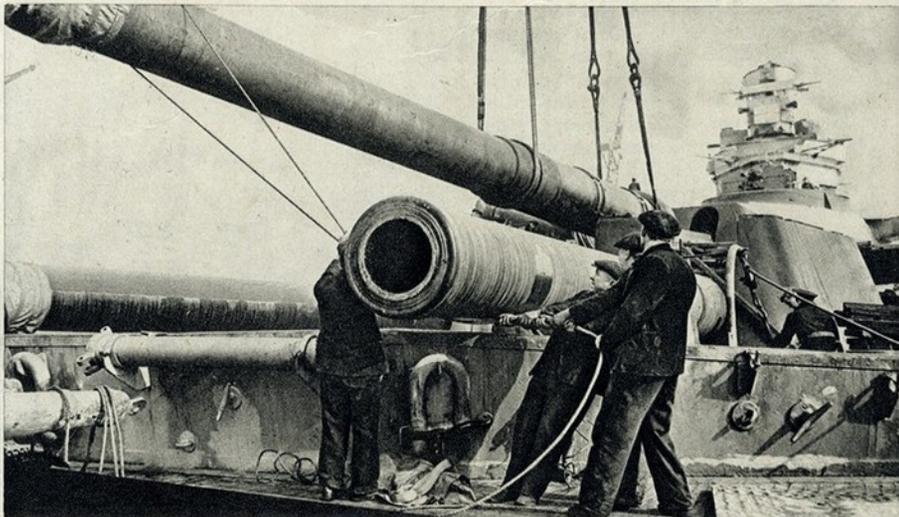
dos. Sem a segurança das estradas marítimas, sem a polícia dos oceanos não há vida civilizada. Quem não sente estas realidades que pairam, dominadoramente, sobre todos os episódios e sobre todas as flutuações? A Royal Navy tornou-se, assim, a única garantia universal de que a existência e a produção dos povos civilizados continuam a ser um facto. Um jornal inglês escreveu um dia que o espírito da marinha real e o seu espírito permanecem imutáveis porque é da sua força e da sua estabilidade que depende a existência do Império. A causa que a marinha de guerra interpreta tornou-se mais vasta. É hoje sagrada.

A última semana que os cidadãos de Londres lhe dedicaram bem merece ser evocada e posta em relevo. Em sete dias a população heróica que suportou o horror dos bombardeamentos aéreos ao longo dum semestre dramático deu mais uma prova da sua dedicação ilimitada e da sua fé total na vitória. Ricos e pobres, protegidos da sorte e simples remediados quiseram dar, com um entusiasmo indescritível, a sua contribuição para os navios

(Continua na página 29)



Os célebres "comandos", o Exército de choque da Inglaterra. Dispondo de material moderníssimo, adaptado à tática da guerra moderna, eles têm provado heroicamente a sua formidável eficiência ofensiva em fulminantes investidas aos territórios ocupados pelo inimigo



Outra formidável fortaleza flutuante foi lançada ao mar. A poderosa artilharia de um novo couraçado é montada nas torres. A Gran-Bretanha aumenta, cada dia que passa, o seu extraordinário poder naval. As marinhas aliadas dominam todos os mares



SIR STAFFORD CRIPPS

Uma das figuras mais notáveis do Governo Inglês pronunciando um importante discurso sôbre a marcha da guerra

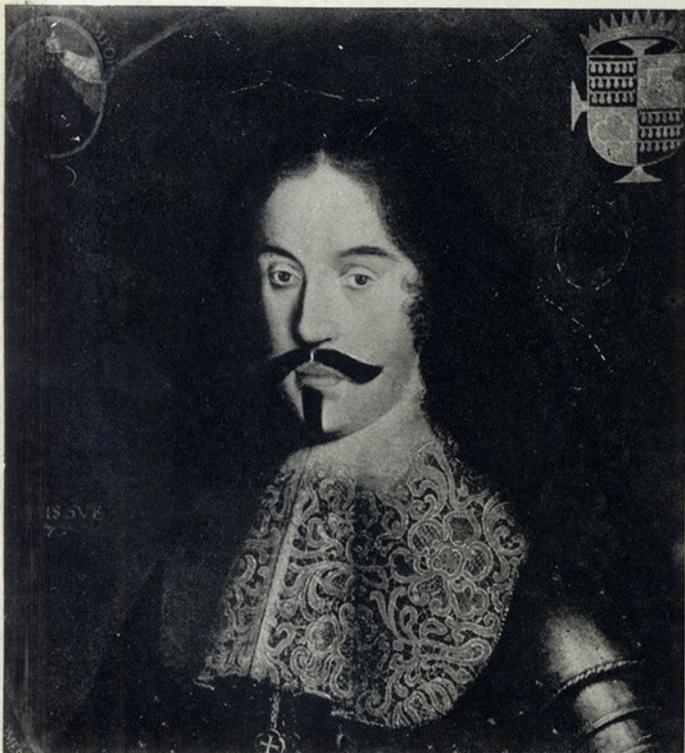
PORTUGUESES DO SECULO XVII



No Palácio da Independência inaugurou-se, recentemente, uma notável exposição de retratos de personagens portuguesas do século XVII. Nesta página reproduzimos algumas das telas expostas. Eis um precioso retrato de D. Catarina de Bragança, princesa de Portugal que, por matrimónio, foi rainha de Inglaterra



D. Afonso de Vasconcelos e Sousa, 7.º Conde da Catheta, 1.º filho do conde de Castelo Melhor, pintado em Inglaterra por Geranni, em 1682



Luis de Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo Melhor, aos 27 anos.



A Infanta D. Catarina de Bragança segundo um retrato que pertence ao Museu Regional de Évora

O REPRESENTANTE DA IUGOSLAVIA EM PORTUGAL

A Iugoslávia conseguiu, durante anos, assegurar-se o prestígio dum grande país, sendo cortejada pelas maiores potências, está presentemente numa delicada situação, de que forceja, heroicamente, por se libertar, arrostando com as mais duras vicissitudes. A sua especial posição no conflito que está ensanguentando o Mundo e as simpatias que essa valorosa nação tem sabido conquistar determinavam que, na nossa agradável peregrinação pelas legações dos países aliados da Inglaterra, dirigissemos os passos até junto do sr. dr. Slavko Koitch, seu ilustre Encarregado de Negócios entre nós, a-fim-de lhe pedirmos uns momentos de amena conversa.

Acolhidos com requintes de fidalga amabilidade, rapidamente entabulámos com aquê diplomata uma interessante palestra, em que as exigências duma entrevista foram postas de parte, para dar lugar a simples troca de impressões, durante a qual a figura môça do rei Pedro II, que em Setembro último completou os seus 18 anos, foi posta em grande relêvo, não só pelas circunstâncias difíceis em que teve de começar a governar o seu país, mas ainda porque é imensamente popular. Todo o povo iugoslavo tem absoluta confiança no seu rei actualmente instalado em Londres com o respectivo govêrno; essa confiança robustece-se ainda pelo facto de ter sido Alexandre I, seu pai, trágicamente assassinado em Marselha, em 1934, quem criou a Iugoslávia e porque o jovem Pedro apenas tem um pensamento: fazer a união de todos os iugoslavos e consolidar o país.

A conversa prolongou-se, como é de prever. O assunto interessava sobremaneira e nós não podíamos ocultar o entusiasmo que nos absorvia, ao recordarmos, como se um filme estivesse passando ante nossos olhos, a grandeza com que ainda hoje, e apesar de tudo, o general Draja Mihailovic conduz heroicamente a luta nas montanhas da Sérvia, da Bôsnia e da Herzegovina e também no Montenegro, comandando um exército regular de homens aguerridos e iluminados pela patriótica ambição de libertar o seu país.

Nêsse exército do general Mihailovic constantemente se alistam voluntários de tôdas as regiões da Iugoslávia e, entre êles, representantes de tôdas as classes sociais, numa fraternia comunhão de esforços, tendentes ao mesmo fim. Ali se vêem intelectuais, estudantes universitários, camponeses e não poucos diplomatas de carreira, que não cessam a resistência até que a sua pátria esteja libertada.

Ja longa a conversa. Forçoso era terminá-la. O nosso ilustre interlocutor não quis, porém, encerrá-la sem expressar, com vibrante sinceridade, os seus ardentes votos por que o bravo e valente povo português possa continuar, ininterruptamente, a trilhar a sua grande senda de progresso e a fruir a felicidade que muito justamente merece.

Ao dizer isto, o sr. dr. Koitch hacentuou que, sentindo bem intimamente êstes votos, não deixava, porém, de secundar a opinião unânime dos seus compatriotas que por Portugal têm passado.



O sr. dr. Slavko Koitch



A cavalaria portuguesa renova, em França, as suas gloriosas tradições



Nos campos da Flandres, um destacamento de Infantaria, antes de entrar em combate, faz exercícos de granadas de mão



A odisséia dos que ficaram sem lar. Mulheres e crianças fogem da frente para as cidades da rectaguarda



PORTUGUESES E INGLESES NA BATALHA DO LYS

HÁ vinte e quatro anos, no dia 9 de Abril, travou-se a batalha do Lys na qual portugueses e ingleses receberam o embate alemão desencadeado pelo exército do Norte que o príncipe Ruprecht da Baviera comandava. O objectivo consistia em romper as linhas de defesa dos Aliados afim-de se alcançar o caminho da Mancha. Dois dias antes, o tenente general britânico Hacking convocara os brigadeiros portugueses e ouvira-os sobre a instantane necessidade de serem rendidas, rapidamente, as unidades cansadas. Elogiara quem sofrera a rudeza de alguns choques, mas solicitara dos seus oficiais que se mantivessem ainda por algum tempo. Dera-se, todavia, ordem para render alguns dos contingentes, exceptuando a artilharia, e o movimento começou exactamente em 9 de Abril.

A BATALHA

O general Gomes da Costa comandava a segunda brigada portuguesa que devia sair das linhas e já tinham retirado as repartições. Mantivera-se, porém, o contacto com o exército inglês indo ocupar-se Village Line. O quartel general de Lestreim estava sobre violentissimo bombardeamento. O exército alemão queria passar a todo o transe; fazia intensissimo fogo de barragem e os artilheiros portugueses por cousa alguma queriam

abandonar as suas posições. O inimigo desencadeou o mais perigoso dos ataques e a resistência eficaz tornava-se impossível. O combate prosseguia sob a fortissima metralha. Os soldados portugueses cumpriam o promessa feita pelos seus chefes ao comandante inglês. Não cabe no espaço deste artigo citar nomes de bravos reconhecidos pelos oficiais e pelo alto comando britânicos mas a História da Grande Guerra não os esqueceu nem à nova fraternidade de armas anglo-lusa.

Os artilheiros portugueses, aprisionados pelo poderoso inimigo, caíram nas suas mãos, quasi todos feridos assim como muitos dos infantes. O sexto grupo de artilharia esgotara as munições. Em Levantie a infantaria praticou prodígios. Os soldados de Portugal saindo das sepulturas, que outra cousa não lhes lembravam as trincheiras, batiam-se com a valentia clássica. Naqueles caminhos de toupeiras já tinham demonstrado o seu denodo mas, agora, à vista do céu toldado pelo fogo, encontravam maior energia e coragem.

HERÓIS DE PORTUGAL

Como um bravo oficial português desejasse continuar a pelejar até possuir cargas para as suas metralhadoras, o coronel inglês Archibald Macdonald indicou-lhe um lugar a



seu lado, ligando-se ambos no intuito que o nosso compatriota expressara: «reconquistar o perdido».

Os restos dos regimentos de infantaria 13 e 15 prosseguiram na luta da qual não esperavam senão a morte.

A batalha desenvolveu-se com o ardor formidável em que os alemães a tinham empenhado. Queriam, através dos maiores arrojões, vencer, forçar aquela passagem defendida pelos ingleses ao lado dos soldados de Portugal sempre heróicos.

MENSAGEM DE GLÓRIA

Foi terrível e trágica a batalha do Lys; caíram nela alguns portugueses junto de ingleses e no fim quando deixaram de troar os canhões, o comandante britânico dirigiu o seu louvor aos seus camaradas dos regimentos 13 e 15 de infantaria no qual dizia:

«Em três longos dias cruéis apesar das severas, importantes e sangrentas perdas, as vossas tropas portuguesas aumentaram o esplendor da sua glória».

Tinham-se esgotado quasi os últimos recursos do Corpo Expedicionário Português, mas com honra para a bandeira que defendia a eterna memória do valor jámais negado aos seus soldados. Ligava-os a outros heróis o elo da tradição.

Rocha Martins



Um batalhão de Infantaria marcha numa estrada da França a caminho da frente



É o 310 do 7. Ganhou a Cruz de Guerra pela sua acção gloriosa em campanha



Uma trincheira na linha principal de resistência. Uns momentos de tréguas no combate



N. S. DE
FÁTIMA
EM
LISBOA

~
O sr. Cardial Pa-
triarca dando a
comunhão às filia-
das da Juventude
Católica Feminina



O Rosal é um canteiro de flores

CIDADE FLORIDA

AFASTADOS que foram os frios mais rigorosos, surgem em terras de Portugal, os primeiros compassos duma nova sinfonia na orquestral do tempo.

Que longe estamos ainda dos fortes e fortísimos polifônicos, que se denunciam nos mares de verdura, nos céus de azul firme, compacto e gritante e na exuberância da florescência, em gritos, imprecações e incêndios de côr!

Aparecem as primeiros dias de céu azul, leve, quasi sempre disfarçado por delicadas musselinas, nuvensinhas tênues, bruma ligeira, que se esbranqueia por sobre o verde esmeralda dos montes. Nas



Uma amendoeira florida do Algarve? Não! em pleno Parque Eduardo VII

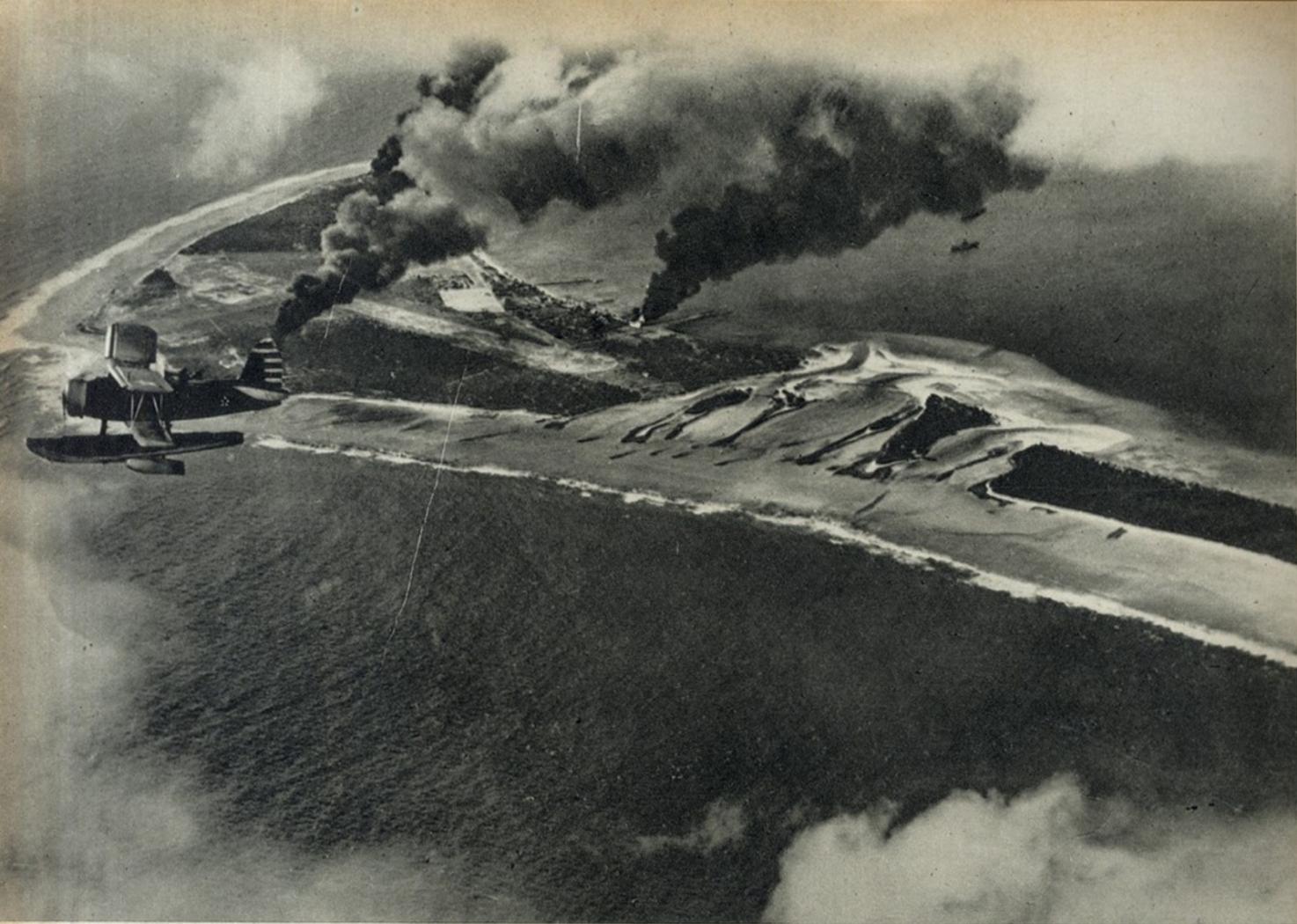


Chegou a Primavera. Uma linda janela que é um jardim suspenso de côr e de perfume

árvores, aparecem as primeiras flôres, que branquejam ou roseiam seteinas, dando paz à vista e cheirando a nectar. Aqui e ali, pespontam o vestuário já verde dos canteiros as boninas doiradas, finas como setim, num tom de oiro húmido que exala frescura. Flora anda, então, pelos jardins, invisível, tocando-os com a sua paleta, e pondo de manhãzinha em cada flôr, os diamantes do orvalho... As primeiras aves, sem chilros, saltam entre os tronquinhos das árvores ou correm levemente nos relvados. E, se é à beira do mar, este aparece-nos como adormecido, sorrindo em sonhos à luz esbranquiçada do sol, e estirando-se em pequeninas, como que nascentes ondas, pela praia.

É ver, então, à beira das águas, que ostentação graciosa de rendas e escumilhas desenrolando-se num murmúrio doce, como se a Natureza, na sua infância, respirasse por pulmões novos, balbucian-do apenas, e espalhando um hálito virgem em todo o seu redor...

Então, mar e terra e céu se combinam, em suavidade e brandura, dando a invocação do Paraíso Terrestre antes da aparição do homem, o ser mortal, condenado ao nada, que, longe de ser como as árvores, não se renova em cada primavera, antes desaparecerá para sempre do quadro vital da Natureza, depois da produção, numa só vida, das suas flôres...



As forças aero-navais dos Aliados dominam o Pacífico. Um hidro-avião norte-americano, num raid à ilha de Wotje, no arquipélago Marshall, lança as suas bombas sobre os depósitos de carburantes do inimigo que ficam em chamas



Londres cumpre o seu dever. A soma com que contribuiu para a "Semana da Marinha de Guerra", é suficiente para construir uma esquadra superior à da Alemanha. Forças do Exército territorial desfilam nas ruas da capital britânica entre massas compactas de multidão que as aclama



O submarino inglês "Utmost", regressa à sua base na Gran-Bretanha, depois de um ano de acção heroica no Mediterrâneo. Nesse período, afundou um cruzador italiano, oito navios mercantes de abastecimentos e um de transporte de tropas. No seu pavilhão de guerra estão gravados os seus feitos gloriosos

EM DEFESA DA LIBERDADE



Os Estados Unidos enviam novos contingentes expedicionários para a Europa. Forças de artilharia norte-americanas, desembarcadas na Irlanda, fazem exercícios de artilharia em colaboração com as tropas territoriais inglesas



A China, invulnerável a todas as invasões, está em armas contra o invasor japonês. Duzentas mil mulheres estão incorporadas nas fileiras do exército de Chang-Kai-Chek, onde prestam admiráveis serviços



Os Estados Unidos estão preparando um grande exército para invadir a Alemanha ao lado das forças inglesas. O treino é intensíssimo, compreendendo paraquedistas apetrechados com o material mais moderno. Pela primeira vez se prepara um exército de paraquedistas esquiadores prontos para descer e actuar em campos cobertos de neve

FIGURAS E FACTOS



Comemorando o aniversário da batalha do Lys, os antigos combatentes portugueses e aliados prestam homenagem aos Mortos da Grande Guerra



Homenagem a um herói. As individualidades portuguesas e os adidos militares britânicos em Lisboa assistem ao funeral do sargento da R. A. F., R. Dixon, cujo avião caiu ao largo do cabo Espichel. Os sobreviventes foram salvos pelo vapor português «Peninsular III»



Os representantes da Imprensa visitam os acampamentos da Mocidade Portuguesa na mata da Caparina, acompanhados pelo comissário nacional daquele organismo



Os artistas portugueses e belgas que tomaram parte na Hora de Arte de amizade luso-belga, no Teatro Nacional



No Circulo Eça de Queiroz realizou-se um recital de violino e piano em que tomaram parte o professor Viana da Motu e o violinista inglês Filipe Newman



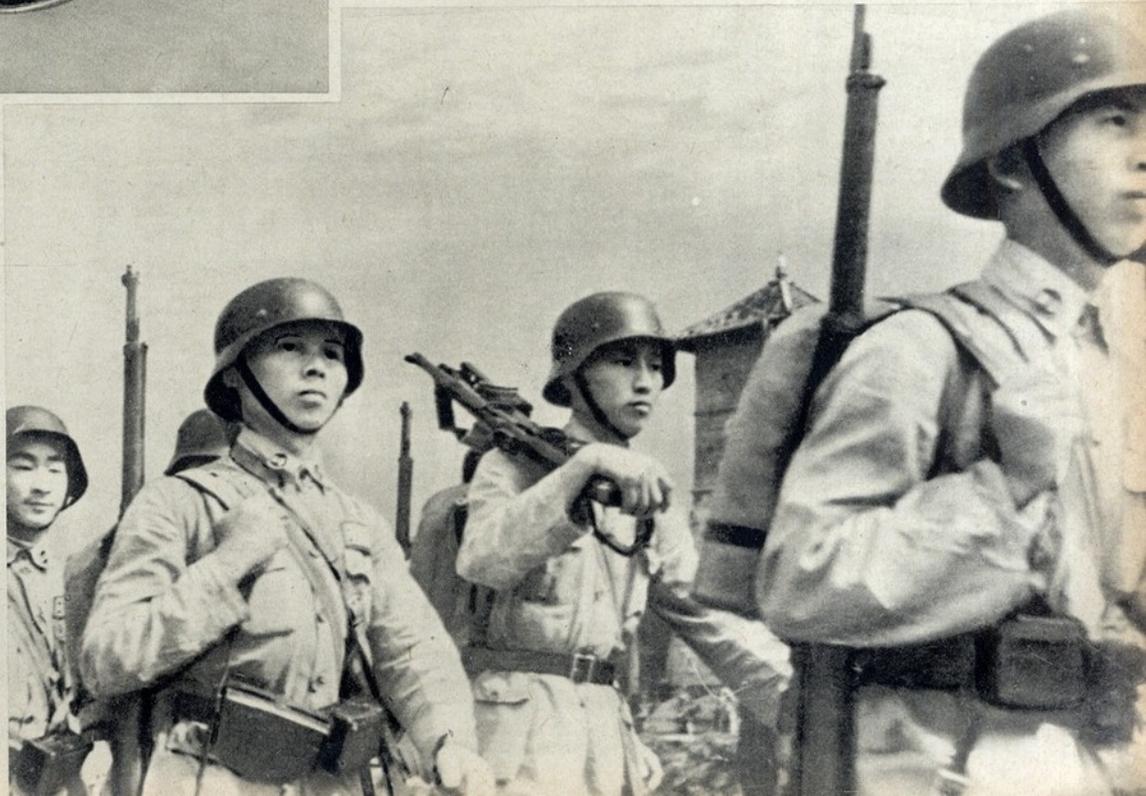
As tropas Imperiais treinam-se intensivamente para a guerra moderna, podendo actuar com êxito em todas as condições de clima e de terreno. Estes são os heróicos soldados australianos que constituem uma formação de esquiadores



Heróis da Armada Real. O tenente M. D. Wanklyn comandante do submarino "Upholder", que foi condecorado com a "Victoria Cross", pela sua acção gloriosa contra um comboio inimigo, em que afundou um grande transporte de tropas, e mais tarde, outros dois transportes, um submarino, um destroyer, um petroleiro e três navios de abastecimento, recebe os cumprimentos de um camarada, ao regressar à base

A Alemanha depois da derrota da batalha de Londres, passou da ofensiva aérea à defensiva. São raros hoje os aviões do Reich que se arriscam a sobrevoar a Gran-Bretanha. O aparelho deste oficial aviador germânico foi abatido sobre a Inglaterra. Saído do hospital onde recebeu tratamento é conduzido por um oficial inglês para um campo de concentração.

O exército do glorioso general Chang-Kai-Chek que tem lutado heroicamente contra o invasor japonês infligindo-lhe pesadíssimas derrotas é constituído por óptimos soldados que dispõem de equipamento e armamento do mais moderno. Ei-los a caminho da frente de combate na Birmânia.





Os ingleses levam a cabo mais um raíd vitorioso a uma base da Noruega onde o inimigo concentrava reservas de carburantes que foram destruídas. Uma metralhadora faz fogo sobre um pequeno foco de resistência germânico, que abandona, acto contínuo, a sua posição

O ESFORÇO DA NORUEGA NA GUERRA



Os "comandos" desembarcam numa base norueguesa ocupada pelos alemães. Depósitos de munições, carburantes e víveres são totalmente destruídos. Uma patrulha inglesa cumpre a sua missão de limpeza

Os transportes marítimos são uma das pedras basilares do esforço de guerra aliado, e neste capítulo que a Noruega tem uma parte excepcionalmente importante.

É fácil de presumir que o ponto de vista de Hitler e um dos argumentos que mais influíram no ataque à Noruega foi a suposição de que, auxiliado por Quisling, uma grande parte da marinha mercante Norueguesa se perderia para os aliados. A apoiar esta suposição, Hitler talvez se lembrasse de que na guerra de 1914-1918, embora a Noruega fôsse neutra, teve uma parte importantíssima no transporte das mercadorias aliadas.

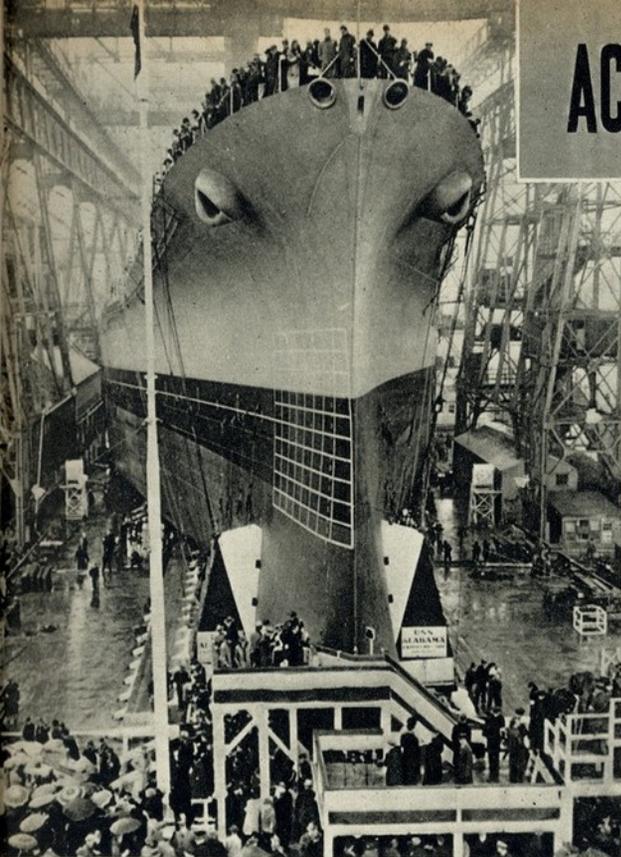
Nos primeiros sete meses desta guerra os noruegueses,

(Continua na pág. 27)



Uma unidade naval inglesa regressa de uma acção gloriosa na costa da Noruega. A tripulação mostra, sorridente, um valioso trofeu conquistado ao inimigo

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS



Todos os dias são lançados ao mar, nos estaleiros dos Estados Unidos, novas unidades de guerra e mercantes. Eis mais um gigante dos mares, o couraçado "Alabama", de 35.000 toneladas, que foi concluído nove meses antes da data prevista



O general Wavel, assumiu o comando das tropas imperiais da Índia. A sua energia e as suas raras qualidades de chefe militar tem-se notavelmente demonstrado nas campanhas que concebeu e executou na outra e nesta guerra. A Índia, ao lado da Inglaterra, ganhará esta guerra, repelindo todos os invasores



A ofensiva aérea da Gran-Bretanha nesta Primavera tomou formidáveis proporções. Os dirigentes nazis, que declararam que nem uma bomba cairia no seu país, não podem agora ocultar as devastações produzidas pela R. A. F. Eis a fotografia de uma cidade alemã publicada no "Berliner Illustriert Zeitung",



Numa rua de Nova-York. Uma luta entre dois dragões. Enquanto o que simboliza o Japão é pasto de chamas, o que representa a velha e gloriosa China, apesar de tudo, está intacto



Malta é isto, esta rua principal da capital, onde a multidão indiferente segue para os seus afazeres sem se importar com os raids aéreos do inimigo que já ultrapassaram o milésimo. Malta bombardeada defende-se enérgicamente, numa das maiores concentrações de fogo anti-aéreo que existem. Dir-se-ia mesmo que a pequena ilha, chave do Mediterrâneo central, é o cemitério dos aviões alemães e italianos



Um expressivo tipo de varina, em cujos olhos negros se parecem reflectir as negras tormentas do mar que a vestiram de luto

A LOTA HOJE É DE 60 T.,

É dia de fartura nestes tempos de guerra. Os barcos vieram carregadinhos. As redes caíram fundo no mar, roçando o melhor peixe da costa. Já as varinas se juntaram. E gente de Olhão, da Murtoza, de Aveiro, para quem a lota é o pão de cada dia. Quando o tempo está bom, como agora, sol de primavera a pôr bonanças no Oceano, há alegria e trabalho para todos.

A lota é dos mais belos espectáculos citadinos. Ao lusco-fusco ainda, tairocando as calçadas, quadris de ânfora, colo esbelto, a giga vazia, lembrando no seu recorte um saveiro, as varinas descem do seu bairro acastelado, ao cais do peixe, onde, no escuro, remexe uma multidão de pescadores e catraeiros.

A lota faz-se no frigorífico. É uma almoeada extraordinária, em que os lanços são apanhados no ar, e logo arrematados, antes que as concorrentes se apercebam. Braço estendido, dedo no ar, as varinas parece que saltam como ondas, num magulhar de gritos, despiques, cada vez mais intensos.

— Schuil!

É o grito clássico, que se usa em tóda a costa portuguesa.

O peixe, em caixotes, oferece a variedade colorida das suas espécies. Há manchas côr de rosa, húmidas e reluzentes; pinceladas prateadas, telas confuzas; massas gelatinosas — neste quadro farto, a tentar a gulodice e o pincel dum artista.

O curioso sente-se perturbado por aquele ambiente excitado, ruidoso, tumultuoso. Perde-se naquele emaranhado humano.

Mas tudo recua a breve trecho. Às nove horas já o entusiasmo arrefeceu. O frigorífico vazio, já



O baço carregadinho de peixe atacou à doca e a descarga faz-se rapidamente porque o frigorífico já abriu



Vai contente, com duas canastras cheias de peixe. É dos mais lindos pregões de Lisboa. Não a ouvem?... Viva da costa!



A entrada para o frigorífico. As canastras ainda estão vazias. Vão deitando contas à vida

nem se recorda do que se passou, ou, dorme de dia, porque terá de acordar muito cedo.

As varinas saem logo, agora ajoujadas ao péso das canastras. Começa, então, o circuito citadino, por ruas escolhidas, freguezes certos, subidas a andares altos.

— Oh, freguesa, olhe que é uma rica pescada!

— Muito cara!

— E' pegar ou largar! São quinze escudos, nem menos um ceitill!

E o negócio faz-se, já num tom ameno, que as varinas, coração ao pé da boca, se não têm papas na lingua, também, quando querem, têm modos de princesas.

Os seus pregões cantam na rua cheia de sol, dando uma alegria vibrante à cidade.



Estas quatro arremataram uma «têca» e agora estão procedendo à escolha do peixe.



Na animação da lota, elas arrematam o lanço, com o grito clássico: Schui! Em baixo, o pregoeiro tem que distinguir, entre tantas mãos, aquela que gritou primeiro



Apareceu logo um freguês — Uma dúzia de carpaus, três mil reis e olhe que não apanha mais barato!



Tôda a Inglaterra trabalha para a vitória. O grande Exército feminino da Gran-Bretanha não descansa. Churchill visita uma aldeia inglesa onde as mulheres substituem os homens nos trabalhos de lavoura



O Primeiro Ministro, com o seu uniforme de comodora da R. A. F., visita uma esquadilha de «caça» num aeródromo secreto da Gran-Bretanha

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

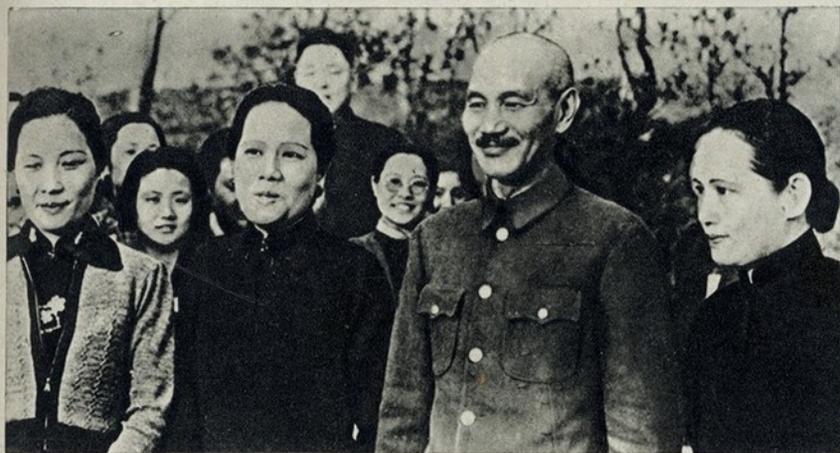
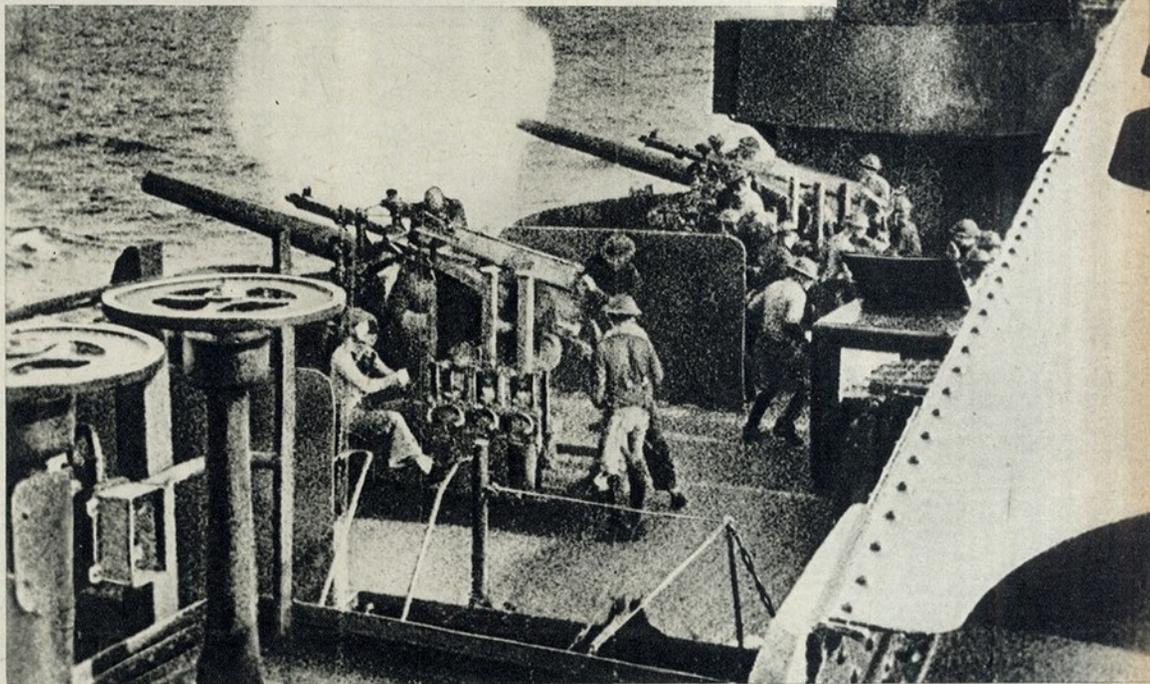
O avanço do regimento, no coração de África, fêz-se com a rapidez, a facilidade e a pontualidade que, nessa altura, caracterizavam, as operações concebidas por Kitchener. Seguimos, em caminho de ferro, até Assiout e, desta localidade, em barco, até Assonan. Com os cavalos ladeámos a Cataracta de Philae e voltámos a tomar o vapor até Wady Halfa e transpuzemos, depois, quatrocentas milhas do deserto num maravilhoso caminho de ferro militar cuja construção significara a decadência dos derviches. Duas semanas depois de termos saído do Cairo chegámos ao nosso acampamento, na base ferroviária do exército instalada no local onde as águas do Athara se lançam no Nilo.

A viagem foi maravilhosa. Tudo se conjugava para dar encanto à nossa aventura: as excelentes instalações, que nos tinham preparado, a companhia agradável dos amigos que nos esperavam, a novidade e o pitoresco do panorama que se desenrola na nossa frente, e a excitação e a alegria descuidada com que esperávamos a batalha certos de que o regimento de cavalaria desempenharia um papel de relêvo. Havia, para mim, um motivo único de inquietação. Eu não sabia como Sir Herbert Kitchener tinha recebido a minha nomeação, feita pelo ministério da Guerra. Pensava nos telegramas de protesto que êle devia ter enviado e que acabariam, talvez, por abalar as pessoas que se interessavam por mim. Imaginava já o ajudante general, no seu gabinete de Whitehall, aborrecido com as recriminações e com a resistência obstinada do poderoso comandante em chefe. Espe-

(Continua na página 30)

A CHINA INVENCÍVEL

As armadas dos Estados Unidos, da Gran-Bretanha, da Holanda e da Austrália dominam o Pacífico. Em estreita colaboração com as forças terrestres e aéreas aliadas, preparam a ofensiva que o glorioso general Mac-Arthur organiza superiormente no seu quartel general da Austrália. A guerra vai ser levada ao próprio território inimigo. As linhas vitais estão guardadas. A artilharia de um poderoso cruzador norte-americano faz fogo sobre o inimigo que tenta aproximar-se da ilha Marshall, obrigando-o a retirar, com pesadas baixas



O glorioso general Chang-Kai-Chek, comandante-chefe dos Exércitos da China, que heroicamente têm defendido os povos do Extremo-Oriente do invasor japonês, com sua esposa e cunhados, em Chung-King



A aviação da China tem combatido vitoriosamente as forças aéreas nipônicas. Durante mais de quatro anos, os heróicos aviadores chineses defenderam o céu da pátria contra um inimigo numericamente superior, protegendo as populações civis das bombas dos aeroplanos do Mikado. Um grupo de pilotos de "caça", dirige-se, numa camioneta, para um aeródromo secreto, em "qualquer parte,, na China



Os bombardeiros nipônicos passaram numa onda devastadora de vidas e de lares humildes. Este birmanês arrancou o filho às chamas que lhe destruíram todos os haveres

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O QUE SE VÊ NAS NOVAS COLECCOES

A PESAR de tudo, as casas criadoras da Moda não esmorecem. Assim, podemos assistir ao seu renascimento em cada estação, citando os nomes que assinam as suas restritas mas sempre originais colecções.

Lucien Lelong para combater o frio, inventou uma combinação de blusa e meia de lã iguais; a saia é formada por um amplo avental. Muitos vestidos de alças, em lã escocesa, colocam-se sobre *sweaters* lisos. Para de tarde, a cinta é cada vez mais estreita, sendo a anca cada vez mais larga — a sala aguçase para baixo, obedecendo à linha *tonneau*. Muito preto, alegrado com renda e organdi. Para a noite, aplicação de *jersey-tulle* e de *moire* e contrastes de vários tecidos no mesmo vestido: crepe e veludo, *linon* e seda lavrada.

Molyneux propõe uma linha extremamente simples nos corpos muito lisos, bons para pessoas magras visto colarem absolutamente. As ancas alargam em *drapés* e franzidos, até mesmo nos casacos compridos, que ainda são forrados de pele ou de lã em tons contrastantes. Acentuando a linha dos ombros, muitas rendas e bordados em vidrilhos nos vestidos de tarde ou jantar e outros, a ouro, nas bandas dos fatos *tailleur* e também nas golas militares dos vestidos ligeiros.

Schiaparelli continua a apresentar o *matelassé* como descoberta sua. Alguns casacos parecem finos *édredons* por dentro e as saídas de teatro são forradas de arminho. *Mitaines* de renda terminam alguns vestidos de jantar.

Jeanne Ganvin mostra, para desporto, a saia alargando para baixo e casacos soltos; para de tarde, muita roda nas ancas e menos largura em baixo. Muitos cintos de côr bordados ou pregueados de ouro e prata, dando certa nota de exotismo. Muitas capas que, de inverno se usaram sobre os *Tailleurs* e agora se vêem sobre o vestido inteiro. A cinta é quasi sempre marcada por um corte, uma incrustação, nos vestidos de lã. Muitas côres alegres: verde, vermelho, parma e lindas combinações de pervinca e *bordeaux*.



Três vestidos de requintada elegância, para a tarde

SABER VIVER

— Nunca fale de assuntos tristes, pois toda a gente fica incomodada sem necessidade nenhuma, e corre o risco de se tornar indesejável. Mesmo sozinho, evite pensamentos melancólicos; olhe que as idéias alegres atraem acontecimentos alegres.

— Não se refira de maneira muito elogiosa a pessoas ausentes, pois pode dar a impressão de estar a depreciar as pessoas presentes.

— Não se faça eco de escândalos

e desvie a conversa se falarem mal de pessoas amigas. Lembre-se deste preceito americano: *There is so much bad in the worst of us that it hardly behooves any of us to talk about the rest of us.*

— Se tiver motivo para censurar o seu marido, nunca o faça em público. Deixe isso para a intimidade; prestar-se-lhe ao ridículo dos outros — ou à sua compaixão, o que seria ainda pior.

— Não fale na sua doença, senão ao médico. As pessoas que não têm outro assunto além dos seus incômodos de saúde, tornam-se desagradáveis e importunas.

Seja elegante com economia

— Mais vale perfumar-se com três gotas dum perfume bom do que com um frasco inteiro doutro que não preste.

— O seu vestido está muito visto? Passará sempre se as luvas e os sapatos forem impecáveis, e o chapéu da última moda.

— Pode comprar uma blusa feita mas substitua os botões por uns bons.

CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18



A simplicidade do vestido desta Primavera

O ESFORÇO DA NORUEGA NA GUERRA

(Continuação da pág. 20)

como neutros que eram e de acordo com a Lei Internacional, transportaram para os aliados grande quantidade de abastecimentos e foi este tráfego que Hitler e Quisling quiseram parar.

Em 1939 a tonelagem bruta da marinha mercante norueguesa era de 4.834.902 toneladas, isto é, maior do que a da Alemanha, cuja tonelagem nesse ano se elevava a 4.493.000. Desta tonelagem, pelo menos cinco sextos ficaram sob o controle do Governo norueguês instalado em Londres, assim como a administração de «Nortraship» (Navegação e Comércio Noruegueses), que inclui o maior grupo de proprietários de navios do mundo. Por outras palavras, mais de 1.000 dos melhores navios mercantes do mundo e quasi 35.000 mil marinheiros noruegueses dão o seu esforço para a causa dos Aliados.

Os factos seguintes justificam a classificação dos navios noruegueses entre os melhores do mundo, se olharmos à qualidade e à quantidade: — Dois terços dos navios Noruegueses são movidos com motores «Diesel» e podem obter uma média de 12 a 16 nós (alguns a média de 21 nós), comparada com a média de 10 nós da navegação a vapor; em resultado disso aumenta a sua capacidade de transporte

anual de 40 a 60 por cento, sobre a navegação a vapor, cujos percursos anuais são naturalmente mais baixos em virtude da sua menor velocidade.

A capacidade de transporte de óleos dos navios-cisternas noruegueses é aproximadamente igual à dos ingleses. Mas como os noruegueses são em geral 20 por cento mais rápidos, a sua capacidade de transporte anual tem normalmente esse aumento sobre a da Grã-Bretanha. Em números redondos, 40 por cento dos abastecimentos de petróleo transportados para a Grã-Bretanha e outros teatros da guerra vêm em navios noruegueses.

Mais de 700 navios, manobrados por 34 mil intrépidos marinheiros, continuam no combate com vigor sempre igual e estão a ser continuamente reforçados com voluntários que conseguem fugir da Noruega.

A Esquadra Norueguesa em águas britânicas compõe-se de muitos navios, incluindo contra-torpedeiros e submarinos, com cerca de 3 mil oficiais e marinheiros.

Por isso mesmo a Noruega entende que, quando a paz for ditada pelos aliados, deve ser tratada não como uma pequena potência, mas como uma das que muito contribuíram e muito sofreram para a vitória.

Ola Nordmann

LITERATURA INGLÊSA

CHARLES DICKENS

SEGUNDO um dos seus mais recentes biógrafos — Stephan Zweig — Dickens escolheu os seus heróis, os seus destinos, nas ruas estreitas dos bairros pobres onde outros poetas passaram com indiferença.

De facto, a obra do romancista inglês contém um significado idílico, simples e — por que não dizê-lo? — tranquilamente burguês. Não no sentido corrente e prático que é de uso atribuir-se ao termo, mas, sim, na transparência de um sentimento calmo, ordenado, que é uma característica do espirito inglês.

Dickens foi uma alma simples de escritor. Talvez, por isso, a ternura lírica da sua obra o tenha feito julgar, erradamente, como se ele houvesse sido um romancista sem pensamento artístico construtivo.

Com efeito, o autor de «Pickwick Papers», não foi, de modo algum, um insubmisso: nunca manifestou hostilidade perante quaisquer normas consagradas. Aceitou o que da moral, da estética, dos sentimentos, lhe pareceu belo e, perfilhando esses conceitos, procurou ser útil aos seus contemporâneos.

Não pretendeu criar um mundo aparte: conformou-se com as idéas da sua época. Mas, quanta poesia e ensinamento arrancou à Tradição?

Charles Dickens não teve infância nem mocidade invejáveis. Os seus primeiros anos não foram iluminados pelo encanto que torna felizes as crianças bem nascidas; e, no alvorecer da juventude, não raramente sofreu ennegrecidos dias de privações. E é, que da meninice somente guardou lembranças amargas, parecia deliciar-se pondo nas histórias que escreveu um universo irreal e irizado próprio para a infância.

Nascido em Landport, próximo de Portsmouth, em 7 de Fevereiro de 1812, Charles Dickens foi um carácter pessoalíssimo britânico. Daí a razão das influências estrangeiras não terem exercido sobre a sua personalidade qualquer acção sensível.

Por volta de 1825, seu pai fê-lo entrar para um escritório judicial no intuito de que o jovem Charles se familiarizasse com assuntos de jurisprudência. Ao cabo, porém, de dois anos, Dickens abandonou a profissão escolhida por vontade paterna, pois, tal mister era para o seu espirito de uma aridez confrangedora.

Então, fez-se reporter do Parlamento, transitando depois para vários diários o último dos quais foi o «Morning Chronicle». Neste jornal apa-



receram os seus «Sketches», subscritos com o pseudónimo de Boz (Sketches by Boz) que foram os seus primeiros ensaios. Nêles o futuro romancista satirizava certos aspectos da vida inglesa. O realismo e o humor da prosa chamaram a atenção do público sobre o autor.

Em 1837, Dickens principia a publicação em fascículos do seu romance «Pickwick Papers», obra que lhe valeu entre a grande massa de gente humilde e da meia burguesia, incondicional admiração. Em todas as cidades, vilas, aldeias inglesas, os seus folhetos eram aguardados com interesse sempre crescente; a ponto de, para inúmeras famílias, a leitura de «Pickwick papers» se haver tornado costume imprescindível.

A bibliografia de Dickens é extensa. Citaremos, no entanto, as seguintes obras: «Pickwick papers», «Oliver Twist», «Nicholas Nickleby», «The Old Curiosity Shop», «Martin Chuzzlewit», «Bombay and Son», «David Copperfield», «Bleak House», «Hard Times», «Little Dorrit», etc.

Charles Dickens morreu em Londres, em 9 de Junho de 1870, deixando incompleto o romance «Mystery of Edwin Drood» do qual, à data da sua morte, havia já publicado alguns fascículos.

Dickens, que repousa na Abadia de Westminster, entre os túmulos de Shakespeare e Henry Fielding, não teria sido o maior romancista inglês, mas foi, de certo, o mais querido e o mais popularizado entre os humildes.

A. R.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «QUANZA»

Sairá no dia 18 do corrente pelas 16 horas recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e : : : : Oriental, sujeita a baldeação : : : : :

Importante: — As ordens de embarque devem estar validadas até o 14 do corrente, inclusivé.

Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)

LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434

PORTO

O SILÊNCIO É DE OURO

NOVELA DE ARLETE LOPES NAVARRO

ERA linda a rapariga que se sentara naquele momento! O Dr. Lencastre não cessava de a admirar. Os olhos eram negros e profundos. Dois abismos mansos, que as longas pastanas tentavam ocultar. Foi assim que o médico os classificou quando os fitou, com o seu olhar admirativo.

Desejava imenso entabolar conversa com a sua companheira de viagem, naquele compartimento de primeira classe. Como seria agradável ver entreabrir aquela boquilha vermelha e ouvir, cantantes, as frases que constituiriam o mais delicioso diálogo. Sim, aquela boca linda saberia pronunciar deliciosas palavras, que o envolveriam no mais agradável convívio espiritual.

A sua toilette elegantíssima demonstrava o mais requintado gosto. A forma como a desconhecida segurava na mala e numa das luvas era aristocrática. Os olhos, a boca, a toilette, os cabelos negros caprichosamente penteados por hábil artista e até os adôrnos, atestavam o gosto apurado e distinto da formosa viajante.

O Dr. Lencastre sugestionado pela beleza e distinção da companheira e impressionado pelo espírito de conjunto que o assaltava pensava a forma de estabelecer conversa com a passageira. E alguns minutos depois, vencendo uma ligeira hesitação, dispôs-se a quebrar o silêncio enervante que o envolvia. Levantou-se e, sorridente, fitando a rapariga, murmurou no tom de voz mais suave que pode imaginar-se:

— Dá-me licença, minha senhora? Desculpe incomodá-la, mas pretendo abrir aquela janela caso V. Ex.^a não discorde.

Os olhos negros ergueram-se para êle e a boca entreabriu-se num sorriso lindo, deixando ver os pequeninos dentes, alvos e brilhantes, enquanto a cabeça tinha dois movimentos negativos.

A desconhecida não se importava, mas não pronunciou uma só palavra. A sua aquiescência muda, mais aumentou no médico o desejo de ouvir a sua voz.

Abriu a janela, encostou-se ao parapeito, olhando a paisagem. Sempre os verdes matisados, as casinhas alvejantes e o céu de anil. Sempre o mesmo motivo, mas de disposição variada e encantadora.

As casinhas dispersas, os montes, os prados, desapareciam rapidamente, ante os olhos do médico, que só via o rosto lindo da desconhecida, fixo na sua retina.

O Dr. Lencastre voltou-se e murmurou:

— Que lindo dia!... Parece que a natureza canta e ri, sob os beijos do sol!...

Os lábios da passageira entreabriram-se e esboçaram um leve sorriso.

A irritação apoderava-se a pouco e pouco do médico. Era aborrecida aquela mudez! A viagem podia ser tão agradável e tornava-se tão monótona e enervante!...

O passageiro, fitando a linda rapariga, pediu mais uma vez licença para se sentar e, caindo sobre o banco com desalento, perguntou à sua companheira de viagem:

— V. Ex.^a sabe que horas são?

A voz da rapariga pronunciou docemente, leve, tão leve, como um pio de avezinha:

— Não.

— Esqueci-me de trazer o relógio e faz-me uma falta horrível.

Um novo sorriso da sua interlocutora se seguiu e mais uma vez o Dr. Lencastre se sentiu desanimado e vencido. Não era capaz de obrigar a passageira a falar!...

A viagem iria tornar-se irremediavelmente monótona. Uma centena de quilómetros com uma companheira de viagem encantadora, mas teimosamente silenciosa, era enervante.

Desviou os olhos para a janela, viu desfiar a paisagem através da vidraça embaciada, voltou a fitar a figurinha gentil que estava na sua frente, ainda tentou dizer mais alguma coisa, mas desistiu.

Parecia que ela caprichava em manter aquela glacial atitude. E, como o médico se convencesse da inutilidade da sua tentativa e do propositado silêncio da rapariga, tirou um livro duma das algibeiras e dispôs-se à leitura. Cruzou a perna e encostou a cabeça ao estofado da carruagem, quando uma gargalhada bem timbrada soou.

O Dr. Lencastre baixou o livro e, admirado, perguntou à sua companheira:

— Porque ri?

Atorreado, como se um montão de destroços desabasse sobre êle, ouviu, primeiramente forte, depois longe, e mais longe sempre, até voltar de novo atordoante, como o ribombar do trovão, a voz da rapariga:

— Você está «colerco» por eu não falar. Eu bem percebi. Já era a «quintima» vez que você «aligenciava» obrigá-me a «tabolar» conversa consigo. Não manje a cabeça, não minta... eu estava a gosá-lo. Mas agora vamos conversar, «assanto-me» aí ao seu lado, pois eu «cabo» muito bem. E agora já é «facel» tornar esta «viagem» encantadora.

Automáticamente, como que desperto brutalmente de um sonho lindo, meteu o livro na algibeira, enquanto a rapariga num sorriso coquette, confessava, com voz afectada:

— A conversação é como uma prata, que «riquece» aqueles que gostam de conversar.



A forma como a desconhecida segurava na mala...

Levantando-se, o doutor declarou:

— Engana-se, minha senhora: não deligenciou obrigá-la ao diálogo. Cheguei ao fim da minha viagem. Saio já nesta estação. Mas antes de me retirar quero afirmar-lhe que se quer enriquecer, não convém que escolha a prata, mas sim o ouro, pois se a conversa é de prata, muitas vezes o silêncio é de ouro.

E, fazendo uma ligeira inclinação com a cabeça, desapareceu.

A rapariga correu à janela para ver o simpático rapaz pela última vez, mas muito pesarosa ficou por não conseguir satisfazer a sua vontade. E, enquanto desolada e aborrecida se sentava, o Dr. Lencastre tomava lugar noutra compartimento da segunda classe.

Seja prático e económico:

Viage na C. P.

Informações — em tôdas as estações da C. P.

— em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031

— no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

Como se vence a guerra

(Continuação da pág. 8)

de S. M. A subscrição atingiu nesse período a soma quasi inverosimil de 150 milhões de libras.

Na mesma altura, o ministro do trabalho, sr. Bevin anunciava num discurso que proferiu em Bristol, que metade da população da Gran-Bretanha se encontrava mobilizada, nas forças armadas ou nas fábricas de material de guerra.

Cento e cinquenta milhões de libras, numa semana; vinte milhões de homens e de mulheres em estado de mobilização!

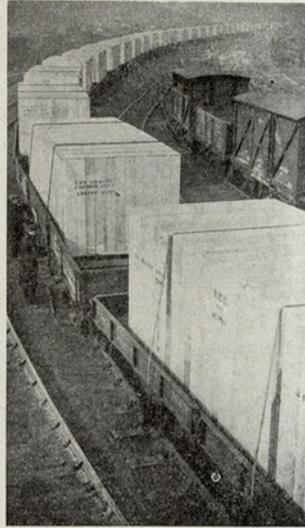
Decididamente, os números falam com uma linguagem que dispensa quaisquer comentários.

A CAMPANHA DE LESTE

A campanha de Leste não pode, neste momento, considerar-se isoladamente do conjunto de operações que constitue um dos aspectos essenciais da estratégia concebida pelos blocos de grandes potências que se opõem. O teatro de operações na Rússia aparece, assim, ultimamente relacionado com os outros teatros de operações, ao contrário do que sucedia em 1941. A primeira ofensiva alemã poude desencadear-se sem considerações especiais pelo que se passava noutros sectores da luta. A conflagração mundial desencadeada a 7 de Dezembro pela entrada do Japão e dos Estados Unidos na guerra europeia transformam completamente a situação.

Como é natural, em vésperas de acontecimentos capitais, as hipóteses e os vaticínios multiplicam-se. Vão os alemães atacar no Caucaso ou é o sector central, com o objectivo principal de Moscovo, que chama particularmente a sua atenção? Será o ataque principal desencadeado contra Leninegrado ou procurará a ofensiva contra as vias de abastecimento que, ao norte e ao sul do território soviético, mantêm os anglo-saxões?

A sua escolha dependerá, fundamentalmente, da situação na outra frente e das necessidades de se exercer uma



Material inglês num porto de embarque

acção concentrada entre o Reich e os seus aliados, da Europa e da Asia. O «Michi-Michi» escrevia, há pouco, que não é de esperar qualquer transformação no sistema das relações nipo-soviéticas e que, pelo menos, essas relações não serão alteradas por circunstâncias estranhas ao interesse nacional do Japão. Significa esta linguagem que a U. R. S. S. não será obrigada a bater-se em duas frentes e que um ataque à Sibéria deve ser eliminado do domínio das probabilidades imediatas? Por outro lado, em Londres e especialmente em Wastington, fala-se na possibilidade dum desembarque anglo-americano no continente europeu. São evidentes, as dificuldades que uma operação dessa envergadura comportaria. Mas daí até se proclamar a sua impossibilidade vai uma certa distância. Declaração recente dos diplomatas soviéticos Litvinov e Maisky, o «raid» britânico a Saint Nasaire e a intensificação dos ataques aéreos à Renânia e ao Ruhre a preparação intensiva de contingentes de especializados nos Estados Unidos são apontados, em certos meios, como indícios de que a ofensiva anglo-americana poderá figurar no quadro das próximas realidades militares. Verificar-se-á essa ofensiva e em que condições?

Resumindo. A campanha de Leste na primavera deste ano deixou de pertencer ao domínio exclusivo da rivalidade tradicional entre germanos e eslavos e dos recursos actuais do Reich e da U. R. S. S. Por um lado, há que tomar em consideração a existência de factores e recursos que não dependem desses beligerantes; por outro lado, o efeito duma surpresa provável deixou de jogar exclusivamente em beneficio dum desses beligerantes.

Carlos Ferrão

MÁQUINA
DE ESCREVER
NÃO ERA
CONHECIDA
ATÉ QUE
EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL
ESPECIALIZADO

Ficheiros

KARDEX

e Arquivos

LISBOA

Rua da Misericórdia 20-1.º
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1 276

Cabelo FORTE E PUJANTE!

SUSPENDE A QUEDA DO CABELO. FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Memórias de CHURCHILL (Continuação da pág. 24)

rava, a todo o momento, receber uma contra ordem. Eu passara a estar sob as ordens do «Sirdar». Para êste, era facilimo pronunciar estas palavras: «Regresse à base. Volte só quando a batalha estiver terminada». Cada vez que o combóio parava numa estação su que o barco largava dum pórtio, prescrutava a multidão. Quando descobria, no meio dela, um official do estado maior parecia-me que tudo estava acabado. Creio que os criminosos que andam fugidos à justiça experimentam sensações semelhantes. Naquele tempo, Deus seja louvado, não existia a T. S. F. Se existisse, eu não teria um momento de descanso. Já ao telégrafo se não podia escapar. Os seus fios compridos envolviam-me. Felizmente havia intervalos de quatro a cinco dias em que, subindo tranqüillamente o rio, nada nos incomodava.

A' medida que prosseguia a viagem, sem incidentes dignos de nota, a esperança começou a resnacer no meu coração. Quando chegámos a Way Halfa quasi me voltara a confiança. Era provável que, nas vésperas duma batalha decisiva, com a responsabilidade da concentração e do avanço dum exército, cujos pormenores dexecução regulava pessoalmente, o «Sirdar» se esquecesse de contrariar os desejos de um pobre official subalterno. Talvez mesmo não tivesse tido tempo nem paciência para discutir os telegramas cifrados do ministério da Guerra. Talvez se tivesse esquecido.

OS LIVROS DA QUINZENA

Edições da Agencia Geral das Colónias

A Agência Geral das Colónias vem desenvolvendo uma acção por todos os títulos notável, publicando um conjunto de obras preciosísimas para o profundo conhecimento das colónias portuguesas, desde a época gloriosa das descobertas até à epopeia civilizadora nas nossas províncias ultramarinas. E' muito vasta já a bibliografia para que seja possível fazer agora uma referência justa e pormenorizada de todas as obras publicadas, quer biográficas, analíticas, descritivas ou científicas, tais como «A engenharia portuguesa na moderna obra da colonização» do coronel Lopes Galvão, «Prática da Arte de Navegar» de Luiz Leite Pimentel, com um prefácio do comandante A. Fontoura da Costa, «Subsídios para a História das Guerras da Restauração no Mar e no Alémmar», do contra-almirante Botelho de Sousa, «Tratado da Sphaera», de D. João de Castro, prefaciado e anotado pelo comandante Fontoura da Costa, «Vida de D. João de Castro», de Jacinto Freire de Andrada, «Angola», de Alfredo de Albuquerque Felner, «Roteiros portugueses inéditos da carreira da Índia do século XVI», «Comentários do Grande capitão Rui Freire de Andrada» e tantas outras. Não queremos deixar, porém, sem as nossas homenagens a extraordinária obra cultural da Agência Geral das Colónias.

Galo doido

Augusto da Costa, escritor que conta já no seu activo uma interessante obra literária, publicou agora mais um romance, «Galo Doido», em que vivem alguns dos personagens das suas «Inocentes», prémio «Ricardo Malheiros» 1941. Apesar das

duas obras possuírem acção própria, o conflito de «Galo Doido» continua o das «Inocentes» e o autor volta a afirmar-se as não aperfeiçoou, até — as suas raras qualidades de romancista, anunciando-nos, no prefácio, para breve, a terceiro volume da trilogia, a completar um trabalho de relêvo na literatura portuguesa.

A América do Norte através da sua literatura

Alves de Azevedo, escritor e jornalista de merecimento, publicou, em separata do Boletim da Sociedade de Geografia, um interessante trabalho de investigação e de análise intitulado «A América do Norte através da sua literatura». Nele, o autor procura demonstrar através da literatura norte-americana a profunda influência futura da América no nosso continente.

Nas últimas páginas resume-se o ensaio em inglês e francês.

Multidão

«Multidão» é, salvo êrro, o primeiro romance original de Leão Penedo. Conheciamos o autor através de uma série de trabalhos de adaptação de obras cinematográficas que não nos deixavam adivinhar o romancista seguro, de uma técnica até certo ponto — diga-se de passagem — influenciada pela literatura norte-americana. «Multidão» é um título justo. No romance não há uma figura que, pela revelação psicológica se evidencia das outras. Há, sim, um conjunto de personagens que se entrecrocam, cujo drama se relaciona, que o autor nos apresenta, buscando-nos ora uma, ora outra, em páginas cheias de vigor literário e emotivo. Se «Multidão» é, de facto, o romance com que o autor começa, muito há que esperar do seu talento.

CINEMA

A PROPÓSITO DE UM FILME

A EPOPEIA DE DUNQUERQUE

A guerra continua a alastrar... Quem poderá ponderar as conseqüências da sua trágica sanha destruidora? Continuarão as firmas produtoras, a despeito de todos os sacrifícios, a alimentar êsses mercados? Tudo indica que sim. Pelo menos, em referência ao nosso país, as remessas de filmes continuam a fazer-se e a chegar ao seu destino... Por enquanto, não há razão para sobressaltos. Por outro lado, as actuais disponibilidades das firmas distribuidoras, permitem, no decorrer da futura temporada, resistir às flutuações da guerra. Se juntarmos às suas «reservas» a boa politica de exhibição dos nossos cinemas em protelar, por mais duma semana, a passagem dos melhores filmes, que representa uma apreciável economia em programas de estrelas, seremos forçados a concluir que não há motivos para apreensões imediatas. Estamos, pois, todos de parabéns — se Hollywood continuar a abastecer o nosso mer-

cado, o que só depende da marcha da guerra e dos efeitos que ela exercer sobre a actividade dos estúdios da Califórnia. As últimas notícias, emanadas daquele centro de produção, referem uma intensa feitura de filmes baseados na actual conflagração. Um país em guerra necessita, mais do que nunca, de se divertir. Pela sua tranqüillidade vigiam poderosas formações navais e aéreas, que não hesitam em sofrer as mais trágicas provas, aureoladas de martírio e de heroísmo, para levar aos vindouros de outras raças, a solene afirmação de um tranqüilo regresso à simplicidade da vida, à pureza das idéas, ao respeito de todas as crenças e à dignificação dos costumes.

Pela propaganda destes princípios e completo triunfo de todos os objectivos em causa velam, num milagre de coesão, todos os estúdios de Hollywood. Tão decisiva se reconhece a sua influencia, junto de todas as camadas so-

BREVEMENTE nos Cinemas Portugueses:

ARTISTAS:

ALBERTO BURDON
ARTHUR LUCAN
BARRY K. BARNES
BELLE CRYSTALL
CHILI BOUCHIER
CHARLES FARRELL
CHARLES HAWTREY
DAVINA CRAIG
FRED CONYNGHAM
GEOFFREY TOONE
GOOGIE WITHERS
JOHN LODER
KITTI MACSHANE
LUCILLE LISLE
LEONORA CORBETT
NOEL MADISON
PATRICIA ROC
PATRICIA HILLIARD
SEBASTIAN SHAW

REALIZADORES:

OSWALD MITCHELL
RDED DAVIS
ROY LOCKWOOD
SIDNEY MORGAN
THOMAS BENTLEY

PRODUÇÕES:



Representante para Portugal, Império Colonial Português e outros países:
J. S. DE BRITO Avenida Almirante Reis, 81, 1.º — LISBOA



A epopeia de Dunquerque. Eis uma das cenas mais emocionantes do filme «Um americano na Aviação»

ciais, que os produtores, lançando os alicerces duma nova concepção que divorcia o presente do passado, asseguram que, doravante, o cinema vai ser diferente. E' cêdo, pois, para se avaliar, em tôda a extensão dos seus méritos e sentido de renovação dos seus processos técnicos, os reflexos desta novidade forjada sôbre a dor duma geração que luta pela causa de negar, seja a quem fôr, o direito de oprimir.

Preparemo-nos para esta realidade: quando a guerra acabar, o cinema será diferente. O seu mecanismo espiritual, condensado em novas bases estéticas, constituirá, como fonte essencial de sugestão, estímulo de trabalho, lição de perseverança, fé, incentivo, glória de conquista e culto fraterno das almas e das coisas. Tal como o cinema inglês, o cinema americano, agora de braço dado com aquêlo, documenta, a cada passo, através de tôdas as suas obras, a expressão do seu pensamento.

Porque se situa êle no primeiro plano das preferências do público? Procuremos a resposta na apresentação do filme «Um americano na aviação» (*A Yankee in the R. A. F.*), que, em todos os seus aspectos, representa uma magnífica antecipação da futura estrutura do cinema americano. Exalta-se em tôda a con-

secação não só as virtudes militares da Gran-Bretanha, quando da epopeia de Dunquerque, como, também, o sentido de fraternidade anglo-americana. E de tal forma notável esta se desenha, através da substância do filme e no agrado que encontrou junto do público, que não hesitamos em considerar a sua realização, pela temeridade que expressa e pela energia moral que reveste, como a melhor homenagem ao sentido de convicção vitoriosa dos aviadores britânicos.

Sente-se, no filme, que a epopeia de Dunquerque não nasceu na imaginação do autor da história, nem no espirito de quem dirigiu a sua plasticização. Aquilo existiu... Aquela famosa batalha, representa hoje uma das mais belas páginas da história inglesa. Sob o ponto de vista técnico tem ainda outro valor — que é dar-nos, dentro dos limites do concebível e do realizável, uma extraordinária visão da realidade. Quem poderá esquecer aquelas imagens, nervosas e impressionantes dos combates aéreos sôbre a costa francesa?

«Um americano na aviação» representa o símbolo da fraternidade de dois povos que estão escrevendo com sangue os novos princípios espirituais que hão-de reger o mundo de Amanhã...

Antônio Lourenço



Tyrone Power e Betty Grable, os protagonistas da extraordinária produção cinematográfica norte-americana

MUNDO GRÁFICO



São estes
os
vencedores da Líbia
que, em duas
campanhas
gloriosas, fizeram
duzentos
mil prisioneiros